

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES ONLINE¹

Elmara Pereira de Souza²; Eduardo David de Oliveira³

Grupo 2.1. Docência na educação a distância: Formação e saberes

RESUMO:

O estudo tem como objetivo cartografar a produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem. A principal pergunta que norteia a investigação é: a partir de uma experimentação para criar condições de possibilidade de formação de docentes online, que subjetividades são produzidas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e como se processam? Os fundamentos dessa investigação encontram-se nos pressupostos teóricos de Deleuze e Guattari, em especial, nos conceitos de agenciamento, acontecimento, linha de fuga e subjetividade e de Mikhail Bakhtin no que se refere ao dialogismo. A experimentação teve a proposta de criar condições de possibilidade para a formação de professores de curso online, buscando encontrar linhas de fuga no processo de formação, a partir de espaços abertos de produção de subjetividades. Os resultados evidenciam que, no AVA são produzidas subjetividades autorreferentes, singulares, assim como subjetividades massificadoras, homogeneizadoras.

Palavras-chave: Educação online. Construção do conhecimento. Formação de docentes online. Ambiente virtual de aprendizagem.

ABSTRACT:

SUBJECTIVITY PRODUCTION IN VIRTUAL LEARNING ENVIRONMENT FOR TEACHER'S FORMATION ONLINE

The study aims to map the production of subjectivity in virtual learning environment. The main question that guides the research is: from experimentation to create conditions allowing for teacher's formation online, which subjectivities are produced in the virtual learning environment (VLE) and how to process? The bases of this research are in Deleuze and Guattari's theories, in particular, the concepts of agency, event, line of flight and subjectivity and Mikhail Bakhtin in relation to dialogism. The trial had a proposal to create conditions of possibility for the teacher's formation, trying to find escape routes in the forming process, from the open spaces of subjectivities production. The results show that in the VLE subjectivities are produced self-referential, singular, as well as mass and homogenizing subjectivities.

Keywords: Online education. Construction of knowledge. Teacher's formation online. Virtual learning environment.

¹Agência de Financiamento: FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento da UFBA. Professora do Núcleo de Tecnologia Educacional de Vitória da Conquista – BA – elmarasouza@gmail.com

³Professor do Programa de pós-graduação em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia – afrodduda@gmail.com

1. Iniciando a viagem

Na contemporaneidade as tecnologias da informação e comunicação - TIC estão presentes do nosso dia-a-dia e, explícita ou implicitamente, demarcam cada vez mais seu espaço e contribuem, decisivamente, para definir o lugar e o modo como as pessoas vivem, pensam e agem, incluindo/excluindo, objetivando/subjetivando, construindo novos códigos de linguagens, de comunicação e configurando o mundo em uma grande rede com vantagens e desvantagens significativas.

As TIC, os ambientes virtuais de aprendizagem não devem ser considerados como simples objetos, tampouco como soluções para antigos problemas da educação a distância, em especial, a formação de docentes online, mas acima de tudo, devem ser considerados como propulsores de criação de novos problemas, de novas relações com o conhecimento, com o tempo, com o espaço.

Compreendemos que a formação docente não apresenta soluções definitivas para a EaD, pois há componentes técnicos, ideológicos, políticos que perpassam os processos formativos e que interferem no desenvolvimento dessa modalidade de ensino. Porém, a formação dos docentes online é uma estratégia fundamental para o desenvolvimento dessa modalidade de educação, em especial, por se tratar de uma modalidade que tem um grande potencial formativo e produtor de subjetividades.

Na contemporaneidade, a subjetividade está sujeita a forças poderosas de homogeneização e serialização. Os cursos a distância não ficam de fora dessa tendência. Por isso é importante o exercício de elaboração, execução e implementação de cursos e espaços de formação de docentes online na perspectiva da criação, da autoria⁴, da invenção de si e do mundo.

O foco desse estudo não incide diretamente na formação de professores, no ambiente virtual de aprendizagem ou na educação online, mas, sobretudo, no cruzamento entre eles e na vivência em um espaço virtual e seus agenciamentos nos processos de produção de subjetividade.

A pesquisa foi implementada a partir de uma intervenção que teve a proposta de criar condições de possibilidade e novos Universos de referência⁵ (GUATTARI, 2008) para a formação de professores de cursos online buscando encontrar linhas de fuga no processo de formação, a partir de espaços abertos de produção de subjetividades. A proposta era que os próprios professores criassem em um AVA espaços de diálogo, de formação, a partir na prática dos cursos a distância e no contexto vivenciado por eles.

⁴O conceito de autoria utilizado nesse estudo foi desenvolvido na minha dissertação de mestrado (SOUZA, 2005). Autoria é toda e qualquer construção feita pelo sujeito, pela qual ele se responsabilize, seja através da linguagem oral ou escrita, ou da ação, perpassada pelo social, considerando a influência do outro, a palavra do outro como essencial no processo de criação. Neste estudo compreendo a palavra “responsabilidade” ligada à teoria bakhtiniana. O termo “responsividade” utilizado por Bakhtin, refere-se tanto à “responsabilidade” quanto à “respondibilidade”. Portanto, entendo o termo nos dois sentidos.

⁵Novo universo de referência, nesse estudo, é entendido como outra perspectiva de formação de docente online diferente do modelo hegemônico de formação baseado em cursos formatados onde são definidos, a priori, o que deve ser aprendido e ensinado.

A principal questão que fundamentou o processo de investigação foi: a partir de uma experimentação para criar condições de possibilidade de formação de docentes online, que subjetividades são produzidas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e como se processam?

Os sujeitos e parceiros na pesquisa foram os professores⁶ do Curso Mídias na Educação promovido pelo Ministério da Educação e Universidade Aberta do Brasil - UAB. Na Bahia, esse projeto é coordenado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e tem como objetivo a formação continuada de educadores para o uso pedagógico das mídias integrado à proposta pedagógica (MEC, 2010).

O estudo realizado com os professores não teve somente o objetivo de fazê-los se comunicarem através do ambiente virtual. Para além do uso desse sistema de comunicação, a experimentação teve como objetivo que os professores vivenciassem coletivamente um ambiente telemático, dialógico e colaborativo, onde os afetos, perceptos e sentidos pudessem ser produzidos como estratégia para compartilhar dúvidas, incertezas, produções, conquistas, vivências, onde houvesse espaço para a autoria, a singularização e a heterogeneidade. A formação de docentes online, nesse estudo, acontece ao mesmo tempo em que a educação a distância se reconfigura e outras formas de fazer educação com uso do AVA se criam.

Para cartografar a produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem, foi necessário fazer recortes, escolher acontecimentos⁷, observar, através das “vozes” dos professores no AVA, dos diálogos, dos silêncios, das atitudes, os pontos de intensidade bifurcativa, os momentos em que houve demonstração de mudanças, de transformação, de desterritorialização e reterritorialização.

Optamos por olhar, sentir e vivenciar o AVA com a ajuda dos pressupostos teóricos de Gilles Deleuze e Felix Guattari, assim como do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Encontramos em Bakhtin as possibilidades de pensar o dialogismo nos ambientes virtuais e em Deleuze e Guattari intercessores importantes para discutir a produção de subjetividade em AVA e as transformações que esse dispositivo traz para a cognição.

Tanto Deleuze e Guattari quanto Bakhtin são pensadores que produziram teorias densas e que estabeleceram uma profunda ruptura epistemológica com a racionalidade da ciência moderna. Ambos produziram conceitos a partir das relações, da vida enquanto ela pulsa, sem a pretensão de convencer ou produzir verdades. Esses autores entendem os acontecimentos como atos inconclusos, compreendem a vida como processo, escapando das dicotomias, do “ou isso ou aquilo” e pensando a pluralidade, a polifonia. Cada um ao seu modo e na sua área de estudo enfatizam os movimentos vivos, os sentidos produzidos na trama da rede de relações.

⁶No Curso Mídias na Educação os professores que acompanhavam a turma e faziam a mediação pedagógica eram chamados tutores. Nesse estudo optamos por chamá-los de professores ou docentes online.

⁷Entende-se, nesse estudo, acontecimento como qualquer encontro entre os sujeitos da linguagem produzindo fluxos, relações. “O acontecimento pertence essencialmente à linguagem, mantém uma relação essencial com a linguagem” (DELEUZE, 2009, p. 23). Nos escritos deleuzianos o conceito de “acontecimento” foi sendo desenvolvido ao longo de toda a sua produção, desde o livro “Diferença e Repetição”, passando por “Lógica do Sentido” onde a vigésima primeira série é intitulada “Do acontecimento”, “A Dobra: Leibniz e o Barroco” cujo sexto capítulo é “Que é um acontecimento?” até “O que é filosofia?” escrito em parceria com Guattari.

Definimos, nesse estudo, ambiente virtual de aprendizagem como um dispositivo de produção de subjetividades que é a combinação do visível, do dizível, das forças, atitudes, relações e linhas que conectam as pessoas que o habitam.

Para melhor compreensão sobre o estudo desenvolvido, traremos na próxima seção conceito de subjetividade a partir dos pressupostos deleuzo-gattarianos. Esse conceito nos oferece a matéria prima para podemos experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o ambiente virtual de aprendizagem. Na terceira seção abordaremos os dados da pesquisa empírica e algumas análises e resultados do estudo.

2. Produção de subjetividade em AVA

A definição clássica da subjetividade traz fortemente a oposição entre indivíduo e sociedade. O desafio contemporâneo é pensar a subjetividade fora do sujeito (SCHÉRER, 1999, apud PASSOS, 2008, p. 212). É preciso aprender a superar a visão da subjetividade fundamentada apenas no eu, tentando deslocar do ser do eu e da consciência para os devires (SCHÉRER, 2005).

Na perspectiva que estamos utilizando nesse estudo, a subjetividade não se confunde com o sujeito, não é individual, mas é um conceito que visa diluir as dicotomias sujeito-objeto, indivíduo-sociedade, interior-exterior, teoria-prática, produção de subjetividade-produção de realidade. A subjetividade é constituída de múltiplos vetores heterogêneos como: vetores sociais, técnicos, físicos e semiológicos, vetores de existencialização diversos, a partir dos quais pode emergir um território existencial.

Se o sujeito foi pensado tradicionalmente como “essência da individuação, como uma existência pré-reflexiva, como razão de ser da sensibilidade, como um estado unificado da consciência” (OLIVEIRA, 2006, p. 40), nesse estudo, a subjetividade é pensada como produção e não como essência, o sujeito é produto de instâncias coletivas, das multiplicidades; é pensada como processo, como obra do tempo e o tempo como criação situa a subjetividade no campo da diferença e não da identidade; é pensada como instauração de multiplicidades que se agenciam e produzem realidades atualizando as virtualidades. O subjetivar-se, neste sentido, estaria associado ao alterar-se e ao vivenciar as multiplicidades que compõem e circulam na superfície dos corpos, superfície de inscrição e registro, de marcação e dobramentos (AXT et al, 2003).

Segundo Guattari e Rolnik (2010), tenhamos ou não a intenção, atuamos na produção de subjetividade que contribuiu ou não para o processo de singularização. Para os autores

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI e ROLNIK, 2010, p.33)

Esses processos de singularização são as próprias raízes produtivas da subjetividade em sua pluralidade.

Pensando na produção de subjetividade na atualidade, compreendemos que as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes. Assim, a subjetividade torna-se alvo político, pois é através dela que se constituem os sujeitos consumidores de produtos sociais, econômicos e culturais.

Partindo do pressuposto de que independente do ambiente em que os sujeitos estão inseridos é a sua própria subjetividade que é posta em questão, ou seja, seu modo de agir, sentir, pensar, viver (AXT et al, 2003) as subjetividades podem ser produzidas no AVA a partir das atitudes, sentimentos, enunciados, silêncios, no contínuo movimento de escuta e ressignificação.

A exposição em ambiente virtual de aprendizagem é uma das exposições da subjetividade, ela é atravessada o tempo todo por outros planos, nos outros momentos da vida. Podemos pensar que a subjetividade em AVA para a formação de professores de cursos online é produzida a partir da heterogeneidade, considerando vetores como: família, trabalho docente presencial e a distância, relação com as mídias, com as tecnologias, experiências vividas, entre tantos outros fatores da ordem do coletivo. O processo de produção de subjetividade em AVA é de heterogênese porque envolve diferentes vetores de existencialização e de transformação (como os citados acima) e também porque se define como um processo de produção de diferença.

A subjetividade é compreendida como um processo de produção construída por elementos do contexto social como valores, ideias, atitudes, afetos vividos no encontro com o outro. No ambiente virtual de aprendizagem o encontro com o outro produz subjetividades que influenciam a maneira de interagir (ou não), a forma de participação, de acesso, de intervenção, a atitude com relação ao outro e à vida.

A pessoa nesse contexto é sempre provisória, está sempre em construção, pois ao mesmo tempo em que é produto/efeito dos processos de subjetivação também é produtora de subjetividade, ou seja, ela é tanto emissora quanto receptora fazendo com que a produção de subjetividade e a construção da sua singularidade seja coletiva e dinâmica.

A exposição ao AVA, na perspectiva da formação de professores, pode: (1) fortalecer as tendências homogeneizantes das mídias de massa, (2) criar processos de heterogeneidade, de singularização, através da produção de novos universos de referência, novos mundos. Modos de utilização do ambiente virtual na formação de docentes online podem ser considerados modos de subjetivar.

Os ambientes virtuais de aprendizagem para a formação de professores de cursos online, muitas vezes, produzem subjetividades numa lógica das mídias de massa, ou seja, produzem subjetividades homogeneizadoras, disciplinadoras, modeladas, formatadas, desconsiderando a diferença, a singularidade. Sabemos que as mídias de massa dificultam a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente (ADORNO, 1987) e trazem a visão de um ser humano genérico. Porém, não podemos deixar de afirmar que em qualquer espaço social, como o ambiente virtual

de aprendizagem para a formação de docentes online, pode haver resistência e surgir brechas, linhas de fuga ao sistema hegemônico.

3. A pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com os professores do curso Mídias na Educação – UESB. O curso é oferecido na modalidade a distância no ambiente virtual de aprendizagem e-Proinfo e é dividido em duas etapas: ciclo básico – extensão, curso avançado – especialização. A maioria dos professores que atuava no curso estava vivenciando a primeira experiência como docente online. A partir da identificação que os professores não tinham formação para atuarem na EAD, a proposta era criar um ambiente virtual (paralelo ao AVA utilizado para o curso Mídias na Educação) que serviria para a formação do próprio grupo a partir dos diálogos entre todos os envolvidos (professores do curso básico Mídias na Educação, professores do curso avançado Mídias na Educação, coordenadores, pesquisadora). Sessenta professores participaram da pesquisa. O ambiente, criado no Moodle, foi chamado de Espaço Dialógico. Não haveria caminhos fixados a priori ou resultados pré-estabelecidos a serem atingidos, haveria a própria vivência do processo coletivo de construção desse espaço cujo objetivo era a formação do próprio grupo para atuar na educação online.

O Espaço Dialógico foi, inicialmente, concebido seguindo a perspectiva teórica da interação dialógica (BAKHTIN, 2000) em ambiente virtual de aprendizagem, configurando-se como uma possibilidade para a formação de professores de cursos online. A interação dialógica tem como base o dialogismo bakhtiniano, e indica que a relação dialogal implica a alteridade e que a todo enunciado (mesmo quando de efeito retardado em relação a uma expressão anterior) corresponde sempre uma atitude responsiva ativa prévia, dando conta de um contexto pragmático, interacional e enunciativo-responsivo, enquanto pressuposto de linguagem e da relação entre os sujeitos de linguagem. A escuta ativa e compreensiva leva, mais cedo ou mais tarde, a réplicas multifacetadas, plurais, que integram o fluxo dialógico, participando de sua composição (AXT, 2006).

O Espaço Dialógico foi construído na perspectiva da interação, da construção coletiva, do dialogismo como condição fundamental para a formação em AVA. O conceito de dialogismo em Bakhtin está intimamente ligado à concepção de alteridade. A alteridade, nesse caso, não se limita à consciência da existência do outro, mas contempla, também, o pertencimento e o estranhamento. No AVA o sentimento de pertencimento pode favorecer a participação, a interação nos espaços coletivos e construção de novos conhecimentos.

Como a construção do ambiente para a interação dialógica seria coletiva, não haveria uma estrutura hierárquica rígida, mas transversal, ou seja, uma dimensão comunicacional que pretendia superar os dois polos: o de uma verticalidade pura e de uma simples horizontalidade (GUATTARI, 2004), a comunicação acontecia por conexões. Em alguns momentos essa perspectiva pareceu ser ingênua, pois no Espaço Dialógico, assim como em qualquer espaço social, coletivo, há claramente instâncias de poder. Porém, a proposta não excluía a possibilidade de horizontalidade ou de verticalidade, mas tentava ultrapassar, trazendo à tona a perspectiva rizomática, onde todos são

potencialmente parceiros e podem através da interação, do diálogo contribuir para a formação do coletivo.

O Espaço Dialógico era, inicialmente, um espaço vazio no ambiente virtual de aprendizagem Moodle, sem propostas de discussão, de organização, onde todos os professores pudessem produzi-lo coletivamente de acordo com as necessidades surgidas no cotidiano, no fazer da EaD. Era uma proposta metodológica de formação de professores diferente das propostas hegemônicas que são implementadas a partir de cursos de curta duração estruturados para cumprir uma formalidade obrigatória de formação para EaD.

O ambiente foi construído a partir da metáfora de uma casa⁸ (figura 1), onde vários espaços foram sendo criados pelos professores de acordo com as necessidades e demandas do próprio grupo.

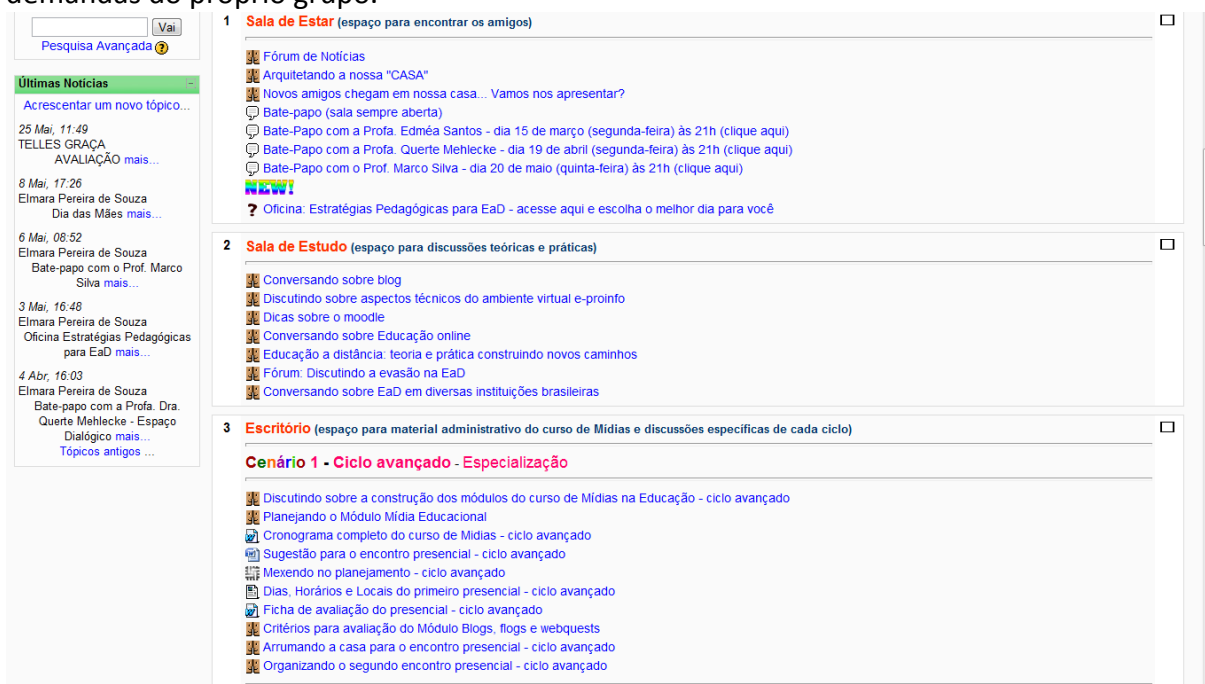


Figura 1. Espaço Dialógico construído no Moodle

Após um ano de construção e interação do/no Espaço Dialógico, constatamos que, alguns professores conseguiram se inserir naquele espaço levando para os fóruns de discussão propostas relacionadas à EAD, textos para reflexão, questões, dúvidas, inquietações, descobertas relacionadas ao curso que estavam atuando; se expõem nos

⁸ Alguns tópicos criados no Espaço Dialógico: sala de estar – espaço destinado aos diálogos informais como fórum de apresentação, fórum de notícias e bate-papo; sala de estudo – espaço para discussões teóricas relacionadas à educação a distância e conteúdos do curso Mídias na Educação; Escritório – espaço para diálogos administrativos relacionados ao curso Mídias na Educação; Cozinha – espaço para deixar recadinhos; Biblioteca – espaço para inserção de artigos, livros, arquivos que os professores desejassem socializar; Sala de TV, espaço para compartilhar vídeos e imagens; Quarto – espaço para socializar leituras que não se relacionam à EAD ou tecnologias; Quintal – espaço para divulgação de agendas culturais; Ultrapassando os muros da casa – espaço para divulgação de blogs, redes sociais, diálogos sobre férias e outros assuntos que os professores desejassem; área de serviço – espaço para teste das interfaces do Moodle.

espaços coletivos, falando de si, da sua trajetória, dos seus medos, desafios; construindo um espaço de formação diferente dos cursos padronizados e produzindo subjetividades autorreferentes⁹. Porém, 44,3% dos professores entravam no ambiente, acessavam constantemente os espaços disponíveis, mas não falavam, estavam sempre em silêncio. Esses professores não conseguiram se inserir no contexto do espaço interativo, produzindo subjetividades massivas, homogeneizadoras. Sabemos que a quantidade de pessoas falando no ambiente virtual não significa a quantidade de vozes, ou seja, os professores que se integraram à proposta conseguiram produzir uma complexidade no ambiente favorecendo a criação de brechas, de linhas de fuga na formação hegemônica própria da sociedade de massa. Essas pessoas foram se constituindo como docentes online na própria experiência da prática da EAD e da habitação no espaço coletivo.

Para Deleuze (2001) o sujeito não está dado, ele se constitui nos dados da experiência no contato com os acontecimentos. Os encontros com o outro no AVA podem produzir efeitos diferentes em cada participante. O sujeito pode questionar, concordar, discordar, observar e produzir sentidos a partir daquela experiência que emergiu de uma situação prevista ou ao acaso e que pode desorganizar (ou não) um jeito de atuar, interagir até então conhecido. Por outro lado, o sujeito pode produzir como efeito o distanciamento e, ao invés de participar, ele se afasta e observa o que se passa dentro a partir do fora, surgindo, nesse momento, o que estamos chamando de *voyeur*¹⁰ e que configura uma lógica da *mass-media* e produz subjetividades homogeneizadoras.

3.1. Algumas análises

O nosso objetivo ao cartografar a produção de subjetividade em AVA através dos fluxos dialógicos, silêncios e atitudes que vão surgindo no ambiente é evidenciar novas maneiras de atuar, agir, vivenciar (n) o ambiente virtual favorecendo a formação de docentes online.

Utilizamos diagramas, na perspectiva deleuzo-guattariana, para favorecer a cartografia da produção de subjetividade em AVA para a formação de docentes online. Segundo Deleuze e Guattari (2007, p. 101), “O diagrama só conhece traços, pontas, que são ainda de conteúdo, dado que são materiais, ou de expressão, por serem funcionais, mas que arrastam uns aos outros, se alternam e se confundem em uma desterritorialização comum: signos-partículas, partignos”. O diagrama não representa o objeto, mas se constrói como sua possibilidade. Nesse estudo, o diagrama configura-se como a exposição material da relação de forças no AVA.

Os diagramas são mapas que têm movimento e buscam identificar as linhas de fuga, os vetores de saída através das tensões, dos silêncios, dos acontecimentos, dos

⁹Subjetividade autorreferente, nesse estudo, é entendida como as subjetividades que não são produzidas pelas mídias de massa ou pelos aparelhos de estado. São subjetividades vinculadas à singularidade, a multiplicidade.

¹⁰Voyeurismo é uma categoria da sociologia que indica uma prática do indivíduo conseguir obter prazer sexual através da observação de outras pessoas. Aquele que pratica o voyeurismo é o *voyeur*. Uma das características do voyeur é que ele não interage com a outra pessoa (que muitas vezes não sabe que está sendo observada), observando-a a distância. Nesse estudo, utilizamos a categoria *voyeur* para identificar as pessoas que acessam o ambiente virtual de aprendizagem e apenas observam os movimentos que acontecem dentro do AVA estando fora.

fluxos dialógicos na perspectiva do rizoma que “[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. Ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signo” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p. 32).

Os diagramas foram elaborados a partir de cada interface criada pelos professores no Espaço Dialógico. O diagrama abaixo (figura 2) está relacionado ao fórum “Conversando sobre o Mídias ciclo básico”. Esse fórum foi criado para que os professores do ciclo básico do Curso Mídias na Educação pudessem discutir sobre questões específicas do curso, como atividades, avaliação, encaminhamentos etc. Foram abertos três tópicos. O diagrama refere-se ao tópico “Atividades do Módulo Rádio”.

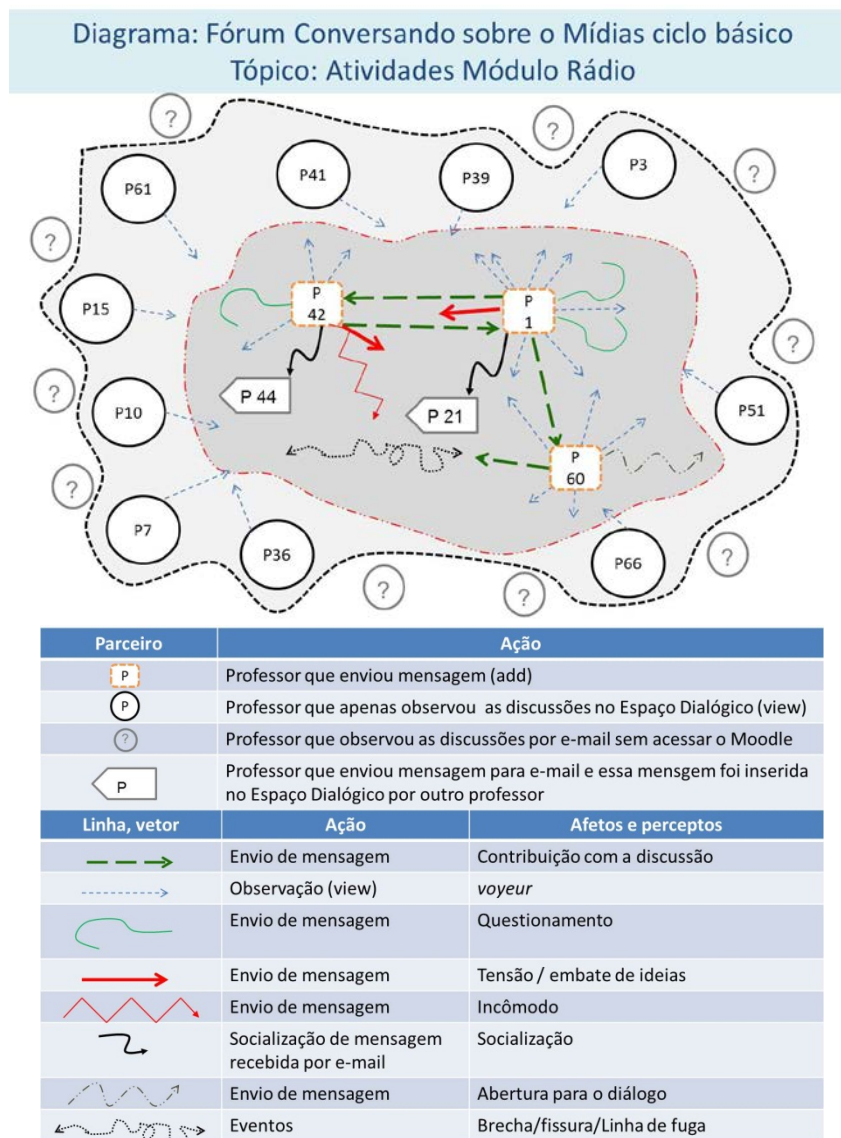



Figura 2. Diagrama do Fórum “Conversando sobre o Mídias ciclo básico” tópico “Atividades Módulo Rádio”.

Quinze pessoas participaram dessa discussão. Dessas, três dialogaram, dez apenas observaram as conversas (*voyeur*) e dois enviaram mensagens por e-mail e tiveram as suas mensagens inseridas no fórum por outro professor.

No diagrama, a parte cinza mais clara indica o tópico do fórum no Espaço Dialógico incluindo os professores que apenas observaram as interações no tópico indicado pelo ícone . Conseguimos identificar os observadores pelos logs¹¹ no Moodle. A parte cinza mais escura delimita os diálogos que aconteceram naquele tópico.

Apesar de poucos professores terem interagido nesse tópico, houve muita tensão e embate de ideias. A partir da análise de uma das atividades do curso Mídias na Educação, P42 questionou sobre a formação dos professores (tutores) e sobre a própria atividade (figura 3).

Atividades Módulo Rádio
por P42 - sexta, 19 fevereiro 2010, 21:17

Colegas,

Estamos trabalhando com o módulo Rádio no ciclo básico, com uma presença ainda pequena de curistas, talvez pelo período que esteja acontecendo, pois nossos cursistas são professores do estado e ainda se sentem de férias (incluindo assim todas as atividades, mesmo as de formação continuada como esta), mas o que mais me preocupa neste momento são as atividades do módulo, em particular a atividade 3 - Ecologia Sonora, que solicita o Fichamento das ideias principais do texto. O não conhecimento das atividades que serão cobradas no módulo antes do mesmo ser oferecido e sim no decorrer ou no dia da liberação do mesmo dificulta para os tutores. O que me questiono é se todos os tutores estão seguros quanto à atividade? Que formação temos ou tivemos para esta atividade?

Estes questionamentos é por que eu não tenho tanta segurança assim para avaliar um fichamento. Conheço e já fiz alguns fichamentos, mas a formação para análise não sei se possuo.

Será que estas atividades não deveriam ser apresentadas e discutidas com os tutores anteriormente para mais segurança e orientação aos cursistas? Conto com a participação de vocês para diminuir estas dúvidas.

Figura 3. extrato retirado do fórum “Conversando sobre o mídias ciclo básico”, tópico “Atividades Módulo Rádio”.

Quando a professora diz: [...] *O não conhecimento das atividades que serão cobradas no módulo antes do mesmo ser oferecido e sim no decorrer ou no dia da liberação do mesmo dificulta para os tutores* [...], demonstra que está incomodada com a situação. No enunciado seguinte quando questiona [...] *O que me questiono é se todos os tutores estão seguros quanto à atividade? Que formação temos ou tivemos para esta atividade?* [...], observa-se uma reflexão, uma preocupação com a falta de formação dos professores e uma solicitação para mudança de contexto. A resposta aos questionamentos da professora foi enviada para o e-mail pessoal e não para o fórum de discussão. Porém, P42 enviou para o fórum a resposta recebida no e-mail, socializando a mensagem (figura 4).

Re: Atividades Módulo Rádio
por P42 - sábado, 20 fevereiro 2010, 16:50

Pessoal,

Estou enviando as contribuições das colegas (logo abaixo) que responderam ao meu questionamento pelo e-mail e a minha resposta para elas, mas quero solicitar de vocês que quando forem responder às mensagens acessem o ambiente de pesquisa, do espaço dialógico MídiasEduc para que todos possam receber simultaneamente a mensagem e participarem no fórum, respondendo no tópico do fórum senão ficamos apenas com respostas pessoais.

Abraços

¹¹Os logs são os registros dos acessos, atividades, percursos de cada usuário gerados por um sistema de computador, nesse caso, pelo ambiente virtual de aprendizagem Moodle.

Figura 4. Extrato retirado do fórum “Conversando sobre o mídias ciclo básico”, tópico “Atividades Módulo Rádio”.

O envio das mensagens individuais (recebidos por e-mail) para o espaço coletivo provocou uma forte tensão no ambiente. Enquanto o diálogo normalmente é definido como troca ou discussão de ideias, harmonia, trabalhamos também na dimensão do diálogo como território de conflito, tensão (BAKHTIN, 1979). P21 e P44 participaram do diálogo indiretamente, pois as mensagens delas foram socializadas no fórum por P1 e P42. Ao enviar respostas para o e-mail, P21 demonstrou resistência para dialogar no espaço coletivo, pois em nenhum outro momento P21 participou das discussões no Espaço Dialógico. Já P44 parece ter enviado a resposta à P42 por e-mail por falta de conhecimento do Moodle, pois P44 participou ativamente de outros espaços no AVA.

Independente de P1 e P42 de expor as mensagens individuais no espaço coletivo e, em certa medida, criar um constrangimento (se for isso, temos um desejo individualista e não coletivo) ou, socializar a discussão sobre uma questão que interessava a todos os professores envolvidos naquele curso (analisando por esse ângulo, temos um desejo coletivo), ao ir para a rede e tornar um elemento que agencia outros elementos, esse acontecimento configura-se em uma linha de fuga, pois agenciou a participação de outros professores.

A linha de fuga é um vetor de desejo para fora de uma totalidade. A totalidade mesmo que aberta só se movimenta em torno de si própria, é identitária. O grande ideal do capital é instaurar um elemento que pretende ser explicativo de uma totalidade. A linha de fuga é da ordem do desejo, do devir e destrói a possibilidade unívoca de apresentar o mundo. O desejo irrompe a totalidade e escapa da rigidez do sistema.

A linha de fuga é acontecimento de ordem coletiva. O acontecimento é um conjunto de eventos que não dependem da ação intencional da pessoa. No Espaço Dialógico, até aquele momento em que as professoras inseriram a mensagem no tópico “Atividade Módulo Rádio” do Fórum “Conversando sobre o Mídias Ciclo Básico” a discussão estava esvaziada, não havia interação naquele tópico do fórum. Após aquele evento, outros professores se manifestaram, expuseram suas opiniões. Constatamos um pico de interação naquele tópico após as mensagens enviadas por P42 e P1 para o fórum.

Observamos, também, que P42, P1 e P60 dialogaram, propondo repensar questões pedagógicas e de formação instituídas, enraizadas na educação a distância. Essas professoras retornaram várias vezes ao fórum como observadoras, evidenciando implicação com a discussão e, conseqüentemente, com o curso.

A partir da análise das interações constatamos que, nessa discussão, P1 e P42 se tornaram multiplicidade, pois “aqueles que agem e lutam deixam de ser representados. [...] Quem fala e age? sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age[...]” (FOUCAULT, 1982, p.70).

Na experimentação de formação docente no Espaço Dialógico foram evidenciadas subjetividades massificadoras, homogeneizadoras assim como subjetividades singulares, autorreferentes.

Podemos enumerar algumas possibilidades para a produção de subjetividades massificadoras: (i) os ambientes virtuais de aprendizagem, projetam as nossas emoções, afetos, desafetos, intenções, indicando que, apesar da evolução da técnica, a atitude das

pessoas no AVA é parecida com a atitude em outros espaços sociais; (ii) como, a maioria dos professores que participou do estudo, nasceu, cresceu, foi formada numa cultura vinculada às mídias de massa e não à cibercultura, a tendência é que as atitudes no AVA sejam próximas às atitudes que teriam em outros espaços de formação “não virtuais”; (iii) a falta de conhecimento sobre a técnica (nesse caso, da edição do Moodle) também pode ser um restritor da participação, favorecendo a atitude passiva no espaço interativo; (iv) a proposta diferenciada de formação, onde todos os participantes construiriam juntos o ambiente e; (v) a diversidade dos perfis dos professores (nível de atuação, de formação, de conhecimento do AVA, da EAD) que deveria ser positivo configurou-se, em certa medida, como um aspecto que impediu algumas participações.

A produção de subjetividades autorreferentes foi evidenciada nos acontecimentos gerados por linhas de fuga e brechas no AVA. Após a vivência no Espaço Dialógico pudemos notar que, ao participar ativamente ou ser observador (voyeur) naquele ambiente, a maioria dos professores abriu-se para uma experiência de formação que contemplava a formação com o outro, ouvindo, falando, observando, aprendendo e ensinando, se permitindo ser coautor no processo formativo. Os professores experimentaram desestabilizações, desterritorializações de processos hegemônicos de formação e foram colocados frente a frente com algo novo.

A construção do Espaço Dialógico e as interações entre os professores e gestores do Curso Mídias na Educação configuraram-se, como uma linha de fuga em potência na educação a distância, assim como na formação dos professores para atuarem nos cursos online. O Espaço Dialógico agiu com vetor de deterritorialização, desencadeando reterritorializações, reorganizando algumas linhas constituintes do AVA. Emergiram problemas e fragilidades do curso, da formação dos professores, da educação a distância, que provocaram deslocamentos de sentidos e impulsionaram uma tomada de decisão dos gestores em relação à formação da própria equipe.

Os resultados indicam que a formação de professores na perspectiva de uma educação (a distância) desterritorializada deve ser pensada como um processo próprio da cibercultura e, portanto, a interação, o diálogo, a polifonia, a multivocalidade, as possibilidades de singularização, a heterogeneidade, a criação e invenção devem fazer parte dos processos formativos. Nessa perspectiva, a experiência apresentada traz elementos que nos indicam que a formação de professores da educação online deve acontecer, não de forma pontual, mas continuamente, especialmente durante o processo do curso. Portanto, os AVA são espaços propícios para a formação na e a partir da prática.

4. Referências

ADORNO, T. Indústria cultural. In: COHN, G. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

AXT, M. et al. Tecnologias digitais na educação: tendências. **Educar Revista.**, n.esp., p.237-64, 2003.

AXT, M. Comunidades Virtuais de Aprendizagem e interação dialógica: do corpo, do rosto e do olhar. **Revista Filosofia UNISINOS**. Set/dez 2006. p. 256 a 268. Disponível em <http://www.lelic.ufrgs.br/portal/images/stories/comunidadeext.pdf> Acesso em 15 de fevereiro de 2010.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.

DELEUZE, G. **Empirismo de subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume**. São Paulo. Ed. 34. 2001.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. V.2. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. V 1. Rio de Janeiro. Ed. 34. 2009.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. São Paulo: Idéias& Letras, 2004.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Editora Vozes: Petrópolis, 2010.

MEC. 2010. Curso Mídias na Educação. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12333&Itemid=682 Acesso em 04 de fevereiro de 2011.

OLIVEIRA, D. (org) **Ética e movimentos sociais populares: práxis, subjetividade e libertação**. Curitiba: Ed. Gráfica Popular, 2006.

PASSOS, E. A relação entre cognição e artifício do contemporâneo: os limites do humano. In KASTRUP, V; TEDESCO, S; PASSOS, E. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre, Sulina, 2008.

SCHÉRER, R. 2005. Aprender com Deleuze. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez, 2005. Disponível em: www.cedes.unicamp.br

SOUZA, E. P. **Tecnologias digitais na escola pública: formação continuada de professores com ênfase no exercício de autoria**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.